

Compreensão infantil acerca da violência escolar

Children's understanding of school violence

Caroline Soares Nobre, Ceci Vilar Noronha
Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da
Bahia/UFBA
Salvador, Brasil
carolinesnobre@gmail.com
ceciavilar@gmail.com

Mirna Albuquerque Frota, Camila Couto dos
Santos, July Grassiely Oliveira Branco, Fatima Luna
Pinheiro Landim
Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade de
Fortaleza/UNIFOR
Fortaleza, Brasil
mirnafrota@unifor.br, cmlcouth@gmail.com
julybranco.upa@gmail.com, lunalandim@yahoo.com.br

Resumo — Buscou-se identificar expressões e significados de crianças de escola pública acerca da violência no ambiente escolar no município de Fortaleza/Ceará/Brasil no período de maio de 2013. A análise permitiu identificar as vivências da violência. A violência é habitual para as crianças e perpassa pelas relações interpessoais e as frustrações por elas vivenciadas diariamente. Estudar a violência escolar é compreender suas interseções, muitas vezes banalizadas, sem desvelar suas inter-relações fundamentais na compreensão do fenômeno.

Palavras Chave - Violência entre pares; Crianças; Escola; Vitimização; Significados da violência.

Abstract — We sought to identify expressions and meanings of public school children about violence in the school environment in Fortaleza/Ceará/Brazil from May 2013. This analysis revealed the experiences of violence. Violence is customary for children and permeates through interpersonal relationships and frustrations experienced by them daily. Studying school violence is to understand its intersections often trivialized without unveiling its key interrelationships in understanding the phenomenon.

Keywords - Peer violence; Children; School; Vitimizaçã; Meanings of violence.

I. INTRODUÇÃO

A violência é tema de aspecto intrigante por se tratar de um problema de saúde pública e social, de modo a desencadear consequências e tornar vulnerável a saúde individual e coletiva em suas várias dimensões. Tomou-se como base o que [1] assevera quando afirma que as pessoas vivem em um período de transição, na qual se revela um incremento constante dos indicadores da violência no mundo, da taxa de homicídios, dos conflitos étnicos, religiosos e raciais. Há uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito de violência assume.

A ousadia da pesquisa está em destituir sob a óptica das crianças a construção da violência, os meios de vivenciá-la, o ambiente em que ocorre, seu comportamento e inferências. A

percepção de professores, de profissionais da saúde, ou seja, de adultos, a respeito da violência infantil e seus obstáculos, sejam de identificação, notificação, ou problemas no ambiente no qual ocorrem, são constantemente objetos de estudos. Por isso, instigou-se o questionamento de como o infante concebe o ato violento.

Adota-se que o exercício da cidadania conferido a população infantil é atrelada ao ambiente, socioeconômico e cultural, que é influenciado e construído a partir das concepções educacionais da família e da escola, na qual em suas atitudes são, frequentemente, “espelho” destes ambientes [2].

A escola é o espaço no qual as questões conflituosas emergem e, por vezes, assumem o contorno de atos de violência que ocorrem no âmbito escolar ou domiciliar (violência na família, maus-tratos, negligência, abandono e abuso sexual). Enfatizam-se os padrões de vitimização e vulnerabilidade que permeiam e interferem na rotina, sobretudo no aprendizado [3] [4]. Os professores, a escola e profissionais da saúde tornam-se instrumentos “chave” para desempenhar um extraordinário papel na prevenção da violência, não só por meio da identificação e notificação de casos, como igualmente pelo redimensionamento da própria atuação.

Logo, enfrentar e reduzir os atos violentos na infância é um processo lento, mas de cunho imprescindível, visto que estes afloram em uma fase da vida em que a vítima se encontra mais vulnerável, fase de descoberta, de aceitação e de autoconhecimento. Ademais, tudo o que é assimilado neste período pode ser levado para a adolescência e para a fase adulta. Neste artigo pretende-se compreender o fenômeno da violência no âmbito escolar por crianças de escola pública.

II.MÉTODOS

A pesquisa que originou este artigo investigou as modalidades da violência infantil e as suas dinâmicas entre escolares. Envolveu um estudo transversal com aplicação de questionário e à aplicação de um grupo focal. Assim, as

abordagens quantitativa e qualitativa foram abordadas, mas neste texto, fez-se um recorte da pesquisa original e apresenta-se a análise qualitativa do estudo.

Definida como cenário de estudo o município de Fortaleza que está subdividida em seis Secretarias Executivas Regionais. Dados do estudo cartográfico [5] da violência realizado no ano de 2010 revelaram que a Secretaria Executiva Regional V tem índices alarmantes de violência, é a mais populosa da capital, mas também a mais vulnerável, com rendimentos médios de um salário mínimo. É também uma das Regionais com perfil populacional dos mais jovens de Fortaleza: 44% da população têm até 20 anos. É ainda a área da cidade com segundo maior índice de analfabetismo (17.83%).

A escola na qual foi realizado grupo focal recebe crianças de bairros com alta vulnerabilidade social, déficit habitacional, alto índice de desemprego, alcoolismo e drogas. O critério determinante para a sua preferência foi a emersão de relatos de abandono dos estudos devido à violência na comunidade, na medida em que alunos vieram a óbito devido à violência nas proximidades. Os participantes foram crianças de 10 e 11 anos, matriculadas na 5ª e 6ª ano durante o período de maio de 2013. O interesse pela faixa etária de 10 e 11 anos deve-se ao fato de que nessa idade a criança assume mais independência nas suas atitudes. Esta é uma fase da vida extremamente delicada, exigindo investimentos afetivos e de suporte social. Em reunião com o diretor e coordenador da instituição foram utilizados os critérios de inclusão para o grupo focal a socialização da criança, disponibilidade para a pesquisa, estar na faixa etária selecionada, apresentar autorização dos responsáveis por meio da rubrica do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Com relação a número de participantes, Trad [6] encontra em sua pesquisa literária uma variação de 6 a 15, com uma média de 10 participantes, o que considera ideal para a participação efetiva dos participantes e a discussão adequada dos temas. Foram selecionadas então, dez crianças, para compor o grupo focal, realizado em uma sala de aula disponível no momento, silenciosa e refrigerada; as cadeiras foram dispostas em círculo, distribuindo linearmente em um mesmo nível relacional, minimizando possíveis demarcações territoriais.

Os dados gravados em áudio do grupo focal foram transcritos na íntegra em arquivo Word 2003-2007, transportados para o pacote NVivo 10.0. A análise e a interpretação do corpus foram realizadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo, baseando-se em três etapas: pré-análise, exploração do material, codificação e tratamento dos resultados obtidos e a interpretação [7].

Dessa forma, houve a escolha dos documentos analisados, retomando os objetivos da pesquisa e do problema que possibilitou os indicativos das interpretações. As categorias (Nós), em que os termos que se repetem contemplaram as distintas falas para a interpretação e possibilitaram o embasamento de inferências. Por fim, foram identificados os núcleos que compõem a comunicação, cuja frequência ou presença tenha significado para o objetivo da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA da Universidade de Fortaleza – UNIFOR sob o Parecer de Nº 355.525/2012.

III. RESULTADOS

Significados da Violência no Âmbito Escolar

Dar significado à violência foi o primeiro e o mais intrigante dos passos do grupo focal. Esta etapa ofereceria o alicerce para o desenvolvimento de uma discussão para abordar o tema violência. E de certo modo uma prévia das vivências. A agressão, a incivilidade e o bullying foram enfatizados pelas crianças.

E, adota-se, após leitura, considerar a violência escolar todos os fatos, como é o caso dos atos de agressões, que ocorrem no sistema escolar, entendendo como sistema e espaço físico, local onde se acentuam as dificuldades particulares [8].

Violência é Murro, pedrada... tumulto (A1)

É [...] dois meninos brigando, dando chute um no outro, dando murro no outro. (A2)

Um menino puxando o cabelo da outra menina, e um menino dando murro no outro, e um falando palavrão pro outro. (A3)

Um menino dando tapa na cara da menina, e um menino rindo e ameaçando empurrar [...] A violência acontece todo dia. (A4)

Um menino batendo numa menina. (A5)

Dois meninos brigando e um monte de gente rindo. (A6)

Confusão na escola às vezes gera morte. (A7)

Briga, confusão e bullying. (A8, A9, A5)

Há ênfase na violência física, como principal definição deste fenômeno. As agressões e incivildades entre pares e gêneros refletem a naturalidade com que este comportamento é executado para lidar com as diferenças, com determinada conotação de banalização. Houve precisão na caracterização da violência, que apresenta angústia e a necessidade de discorrer a respeito do tema, o que demonstra o incômodo causado por ele.

Os alunos gostam de emitir sua opinião frente ao contexto escolar, degustam da relevância de seu contribuição com a pesquisa e asseveram que a violência na escola faz parte da realidade, independentemente da condição socioeconômica e taxa de homicídio da região em que a escola a qual estudam se localiza [9].

O posicionamento no relacionamento entre escolares foi um dos tópicos que da discussão. As crianças se auto classificaram advindo de uma alta credibilidade em suas palavras tão ricas de significado e de histórias. Não há

classificação de agressor e/ou vítima, mas sim de suas reações nos momentos vivenciados, na qual sua imagem social e reação (comportamento e atitudes) são alvos de gozações, decorrentes do desrespeito pelas diferenças.

Fez-se uma construção da violência tendo em vista o contexto em que esta é nomeada, que agentes sociais estão envolvidos, como e quem define a vítima e o agressor e como se expressa o sofrimento por quem a vivencia ou vivenciou. Há implicitamente a possibilidade de se associarem as características da vítima e do agressor a um determinado grupo social, fundamentando a complexa dimensão relacional da violência, em suas formas de espelhamentos e contrastes [10].

Eu gosto de implicar. Quando alguém me chama pra brigar, eu bato (A5)

Eu saio correndo (A4)

Implicam comigo. Não sou dos que implica (A2)

Eu brigo muito. Porque ficam “arengando” comigo! Me chamam de apelido. Ficam mandando eu tomar no “#” (A5)

Implicam comigo (Afirmou). Me chamam de apelidos. Eles ficam me chamando de sapatão. Eu não gosto. Falo com o “X” (Diretor) (A7)

Implico. Quero desconstrair o ambiente. Quando fala de violência me vem briga na cabeça. Vou pra cima por que me chamam de apelido. Me chamam de Barata. Não gosto. (A8)

Meu apelido é pastel, tia (risos envergonhados) [...] Um menino quase me atropela um dia desses. (A3)

Ele (A8) apanha. Sei lá, mete logo a peia. (A5)

Ele (A5) que me chama pra peia. (A8)

Eu não tenho nada contra ninguém. Eles que têm contra mim! (A7)

[...] Ele fica direto olhando pra pessoa. Sai nem de perto da gente. Aonde você for ele vai atrás. (A6)

É sempre alguém mais velho que bate na gente. (A6, A9, A3, A10)

Tem vezes que é da mesma idade. (A4)

A comunicação aos responsáveis é realizada, mas acredita-se na complexidade na identificação na condução da resolução destes. Há depoimentos de fixação de uma imagem social do outro que, ao ressaltar a diferença, transforma-o em problema social, que assusta e incomoda. O sentimento de impunidade mais uma vez aparece, como, por exemplo, o descontentamento e a aflição com os apelidos e palavrões acima destacados.

A participação contínua em episódios de bullying provoca deformidades nas concepções de emoções e desenvolvimento

moral. Tratamentos clínicos individuais podem ajudar no tratamento dessas distorções, ao proporcionar uma ressignificação no princípio interpretativo dessa criança. Trabalhos em parceria com as escolas, os pais e a comunidade podem, igualmente, debater e evitar a banalização de valores morais relevantes à convivência em grupo [11].

A diferença ressaltada [12] revoga por justificar agressões e desrespeito ao outro. Quando os indivíduos são reduzidos aos estereótipos, a sociedade constrói teorias ou ideologias para explicar essa diferença e justificar a discriminação. As pré-concepções que se constroem sobre um grupo de pessoas são transformadas em expectativas e normas de comportamento e espera-se que atuem de acordo com o que é estabelecido.

Para alguns estudiosos [11] [13] [14] há carência de políticas públicas voltadas à prevenção do bullying. Todos os projetos e programas educacionais brasileiros que combatem e previnem a violência escolar dão maior ênfase à violência explícita. De fato, ainda são reduzidos os programas educacionais que objetivam atuar sobre o fenômeno bullying. Felizmente, esse processo de prevenção já foi iniciado e é considerado um problema de saúde pública. Logo, observam-se iniciativas de intervenção em escolas, bem como se percebe que o assunto já se faz presente em diversos fóruns de debates.

Sentimentos engendrados pela violência

Acredita-se que todo tipo de atitude, comportamento e atos relacionados a violência acarretam sentimentos e significações que são construídas pelos infantes que demonstram aflição, angústia, frustração. De acordo com Dani [15], aprender a conhecer a si e ao outro faz avançar a construção de personalidades independentes, qualidade necessária na escolha e organização de estratégias não violentas na resolução dos conflitos. Assim, identificar e reconhecer os mesmos que surgem nestas situações de conflito permite às crianças compreender suas causas, como igualmente entender as emoções e as razões de seus pares.

Não, tia, é por que dá medo mesmo, às vezes eu saio correndo mesmo. (A3)

Nunca ninguém chamou (para brigar), mas tenho medo que me batam aqui na escola. Uma vez já aconteceu, um dia desses um menino tava correndo atrás do outro pra bater, aí passou direto e caiu por cima de mim. (A1)

Eles (alunos agressores) batem na frente do diretor (A5); E do coordenador! (A7)

E a gente não pode fazer nada. (A9)

Eles não respeitam. (A4)

Eles (Diretor e Coordenador) não fazem nada, por que têm alguns aqui que ameaçam. (A9)

Tenho medo. (A5)

A violência na escola é muito ruim. Porque sempre na hora do recreio é um “bucado” de aluno correndo pra um lado e pro outro. Em tempo de ser atropelada. Me vejo no chão. Fico na sala mesmo. Não saio, só saio se for pra ir não banheiro. (A10)

Eles às vezes deixam o portão aberto e pode entrar um cara armado e baleiar um de nós na inocência.(A7)

Em 2012, parece, no dia de sábado, quando tinha aula dia de sábado, eles deixavam o portão aberto. (A1)

Não me sinto seguro aqui dentro da escola!!! (A3, A1, A7, A10, A2, A6, A4, A9)

Aqui é mais perigoso do que do lado de fora, tia. Porque esses meninos aí, ó, me bate. Agora se eu for falar com o diretor eles fazem mais coisa comigo! Aí, lá fora eles metem a “chibata”. (A3)

Há um incômodo e uma insegurança geral manifestados pelos alunos, o lugar que deveria, como relata Santos [16] e Souza [17], dar-lhes conhecimento, acolhimento, cuidado, que seria a extensão do lar e da comunidade, a continuidade da formação do caráter do indivíduo, não oferece segurança. O medo e a fuga são as vontades manifestadas pelas crianças ao se depararem em situações de violência. O desejo de interrupção desse momento, seja pela evasão, ou pelo simples almejo de que algo seja feito para que se interrompa a violência, é expressa com angústia pela necessidade de mudança na rotina escolar.

Os medos imaginários estão dando lugar aos concretos e reais, não permitindo que a criança elabore suas ansiedades. Os espaços lúdicos e as estratégias de significação do medo estão em muitas situações sendo aniquilados pela realidade violenta em que vivemos [18]. De acordo com Malta [19], a percepção dos alunos a respeito da exposição à violência traz à tona que a vitimização ocorre exatamente nos locais onde permanece grande parte do tempo, revelando que os agressores estão mais perto do que se imagina. Destaca-se a inquietação com a afirmação de Salles [12] ao relatar que a construção da personalidade é estabelecida nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o indivíduo está inserido. Ou seja, estas crianças provavelmente têm seus caminhos traçados pelas experiências que o meio social em que vivem lhes proporciona.

IV. CONCLUSÕES

Diante desta análise, pode-se afirmar que as modalidades da violência infantil dentro do âmbito escolar como um fenômeno contemporâneo, não mais acreditar que esta faixa etária seja delimitada como uma fase na qual não há iniquidade ou ferocidade. Fase está rodeada de atitudes e comportamento agressivos, dentre eles o bullying e incivildades, positivamente representadas pela educação familiar e escolar, reflexo da

organização e valores socioculturais da sociedade contemporânea. Destaca-se que o medo está sempre firmado, seja o temor de ser dominado ou de se tornar o dominado. Há sempre uma analogia de poder nas relações.

Os alunos são capazes de explanar compreensões acerca da violência e de responder o que suas atitudes e comportamentos dentro do ambiente escolar representam na experiência de vitimização e de uso da violência para resolução de conflitos. Discernir suas subversões, comportamentos e angústias, deu respaldo a esta pesquisa para elaborar uma nova proposta de compreensão da infância. Visualizando esta como porta-voz de seus desejos, de suas aspirações e de suas fragilidades que compõem a sua rotina. As crianças são hábeis de construir e discernir estratégias de enfrentamento da violência no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Waiselfisz, J.J. Mapa Da Violência 2012: Criança E Adolescente. 1ª Ed. Rio De Janeiro. Cebela- Centro Brasileiro De Estudos Latino Americano. Disponível Em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf/2012/Mapaviolencia2012_Crianças_E_Adolescentes.pdf>. Acesso Em: 10 De Julho De 2013.
- [2] Vasconcelos, V.M.; Martins, M.C.; Valdes, M.T.M.; Frota, M.A. Et Al. Percepção Da Criança Da Periferia De Fortaleza - Ceará Acerca Da Violência. *Cogitare Enferm*, V.15, N.3, Jul.-Set. 2010, P. 427-432.
- [3] Schilling, F.. Violência Na Escola. In: Westphal, M.F.; Bydlowski, C. R. (Org.). *Violência E Juventude*. 1ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2010, P. 219-231.
- [4] Anser, M. A.C.I.; Joly, M.C.R.A.; Vendramini, C.M.M. Avaliação Do Conceito De Violência No Ambiente Escolar: Visão Do Professor. *Psicologia: Teoria E Prática*. V. 5, N.2, 2003, P. 67-81.
- [5] Moura, R. (Orgs). Mapa Da Criminalidade E Da Violência Em Fortaleza Perfil Da Ser. Cartilha Da Regional. Uece. Fortaleza: 2011. Disponível Em: <https://www.uece.br/labvida/dmdocuments/Regional_I.pdf>. Acesso Em: 10 De Fevereiro De 2012.
- [6] Trad, L.A.B. Grupos Focais: Conceitos, Procedimentos E Reflexões Baseadas Em Experiências Com O Uso Da Técnica Em Pesquisas De Saúde. *Physis Revista De Saúde Coeltiva*, Rio De Janeiro, V.19, N.3, 2009, P. 777-796.
- [7] Bardin, L. *Análise De Conteúdo*. 28. Ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- [8] Priotto, E.P.; Lindomar, W.B. Violência Escolar: Na Escola, Da Escola E Contra A Escola. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, V. 9, N. 26, P. 161-179, Jan./Abr. 2009, P. 162-178.
- [9] Stelko-Pereira, A.C.; Williams, L.C.A. Dando Voz A Estudantes De Escolas Públicas Sobre Situações De Violência Escolar. In: Habigzang, L.F.; Koller, S.H. *Violência Contra Crianças E Adolescentes: Teoria, Pesquisa E Prática*. Porto Alegre: Artmed, 2012, P. 280
- [10] Sarti, C. A Vítima Como Uma Figura Contemporânea. *Caderno Crh*, Salvador, V.24, N.61, Jan-Abr. 2011, P. 51-61.
- [11] Lisboa, C.; Braga, L.L.; Ebert, G. O Fenômeno Bullying Ou Vitimização Entre Pares Na Atualidade: Definições, Formas De Manifestação E Possibilidades De Intervenção. *Contextos Clínic*, São Leopoldo, V. 2, N. 1, Jun, 2009, P. 59-71.
- [12] Salles, L. M. F.; Silva, J. M. A. P. Diferenças, Preconceitos E Violência No Âmbito Escolar: Algumas Reflexões. *Cadernos De Educação*, Pelotas, V. 30, Janeiro/Junho 2008, P.149-156
- [13] Botelho,R.G.; Souza, J.M.C. Bullying E Educação Física Na Escola: Características, Casos, Consequências E Estratégias De Intervenção. *Revista De Educação Física*, N. 139, Dez. 2007, P. 58-70.
- [14] Lopes Neto, A.A. Bullying: Comportamento Agressivo Entre Estudantes. *J. Pediatr. (Rio J.)*, Porto Alegre, V. 81, N. 5, Supl. Nov. 2005, P. 164-172

- [15] Dani, L.S.C. Conflitos, Sentimentos E Violência Escolar. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, V. 9, N. 28, P. 571-586, Set./Dez. 2009, P.571-585.
- [16] Santos, J.V.T.; Teixeira, A.N.; Russo, M.(Org.). Violência E Cidadania: Práticas Sociológicas E Compromissos Sociais. Porto Alegre: Sulina; Ed. Da Ufrgs, 2011.
- [17] Souza, K.O.J. Violência Em Escolas Públicas E A Promoção Da Saúde: Relatos E Diálogos Com Alunos E Professores. Rev. Bras. Promoç. Saúde, Fortaleza, V.5n.1, Jan./Mar., 2012. P.71-79.
- [18] Vilhena, J.; Bittencourt, M.I.G.; Zamora, M. H.; Novaes, J. V.; Bonato, M.C.R. Medos Infantis, Cidade E Violência: Expressões Em Diferentes Classes Sociais. Psic. Clin., Rio De Janeiro, V. 23, N. 2, 2011, P.171-186.
- [19] Malta, D.C. Et Al. Vivência De Violência Entre Escolares Brasileiros: Resultados Da Pesquisa Nacional De Saúde Do Escolar (Pense). Ciênc. Saúde Coletiva, Rio De Janeiro, 2010. P. 3053-3063.